

IMPLICAÇÕES NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

IMPLICATIONS IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP: AFFECTIVITY IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Andreza Fernanda da Silva¹

Vanessa Cristina Treviso²

RESUMO

A presente pesquisa abordou o tema afetividade no espaço escolar como meio relevante para uma aprendizagem com mais compromisso e significado pelo estudante. A questão da interação baseada no afeto, que considera os sentimentos, emoções e paixões do outro, traz benefícios sociais para a vida acadêmica da criança. Percebe-se que a dimensão afetiva e a dimensão cognitiva são indissociáveis, sendo assim importante para o desenvolvimento tanto do educador, quanto do educando. Desse modo, o trabalho teve como objetivo apresentar reflexões sobre a afetividade no processo relacional entre professores e alunos, apontando o papel do professor para o desenvolvimento de uma prática educativa pautada pelo afeto bem como estratégias para a sua consolidação. Assim, adotamos como referencial teórico os autores: Vygotsky (2003), Piaget (2003) e Wallon (1992), entre outros dentre os quais, por meio de uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, busca-se investigar como a interação social afetiva é imprescindível nesse desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse sentido, a prática pedagógica do professor deve ser repensada, uma vez que, o educador passa de mero transmissor de conhecimentos para alguém que incentive e dialogue com seus educandos, buscando mecanismos para que consiga transformá-los, para mais tarde tornarem-se adultos críticos e reflexivos. Com os resultados, percebe-se como o afeto pode ser mediador do processo de ensino-aprendizagem, beneficiando para que haja uma

¹ Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: andreza_fernandasilva@hotmail.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: vctre@ig.com.br

troca de respeito mútuo, carinho e segurança entre professor e aluno, propiciando meios facilitadores para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento. Ensino-Aprendizagem. Mediador.

ABSTRACT

The present research approaches the theme affectivity in the school environment as a relevant element for learning with more commitment and meaning by the student. The issue of affect-based interaction, which considers the feelings, emotions, and passions of the other, brings social benefits to the child's academic life. It is perceived that the affective and cognitive dimension are inseparable, being therefore important for the development of both, the educator and the student. Under these circumstances, the study aims to reflect on the affectivity in the relational process between teachers and students, direct attention to the role of the teacher for the development of an educational practice based on affection as well as strategies for its consolidation. Thus, the study becomes effective through a theoretical reference the authors: Vygotsky (2003), Piaget (2003) and Wallon (1992), among others. Being performed a qualitative bibliographical review; we seek to investigate how affective social interaction is indispensable in this cognitive development of the child. In this sense, the pedagogical practice of the teacher must be rethought, once the educator goes by from a sheer transmitter of knowledge to someone who encourages and dialogues with their students, seeking mechanisms so that they can transform the students, later become adults critical and reflective. Based on these results, it can be seen how affection can be a mediator of the teaching-learning process, benefiting for an exchange of mutual respect, affection and safety between teacher and student, providing facilitates means for the construction of knowledge.

Keywords: Affectivity. Development. Teaching-Learning. Mediator.

1. Introdução

A presente pesquisa visou abordar o tema afetividade que vem ganhando espaço nos dias atuais, principalmente nos espaços escolares. A questão da

interação social baseada no afeto, levando em conta os sentimentos, emoções e paixões do outro, pode ser muito benéfica na vida do indivíduo. Percebe-se que a dimensão afetiva e a dimensão cognitiva são indissociáveis, sendo assim importante para o desenvolvimento tanto do educador, quanto do educando.

Muitas questões são discutidas quando se falam em afetividade na escola. No decorrer da minha vida escolar e dos estágios supervisionados em que participei, percebi que tem aquele professor que consegue manter uma relação afetiva de respeito, que contribui para a formação da criança, porém tem sempre aquele que não se importa e que está ali somente para fazer “o seu dever” de passar conteúdos.

É importante analisar que o processo de ensino-aprendizagem é constantemente um processo de trocas, uma vez que ao mesmo tempo em que o aluno aprende ele ensina, e quando o professor ensina, ele também aprende com o aluno.

Sendo assim, é considerável entender que a afetividade influencia de maneira significativa o processo de ensino e aprendizagem do aluno e que o modo com que o professor passa a lidar com esse novo recurso, que é o afeto, a sua relação com os alunos melhoram e as aulas passam a ser prazerosas, contando com mais dedicação, interesse, participação e respeito de ambas as partes.

É importante lembrar que para criar esse vínculo afetivo entre professor e aluno, o professor deve levar em conta a realidade do aluno, suas vivências e toda a “bagagem” que ele já traz para a escola.

O estudo realizado é uma busca exploratória e explicativa, de natureza qualitativa segundo Marconi e Lakatos (2001) e Gil (2009). Desse modo, a pesquisa em questão é bibliográfica, analisando teorias de autores que buscam entender como o afeto pode favorecer a relação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Pensando nisso, o trabalho foi dividido em três seções: na primeira seção da pesquisa visamos mostrar as perspectivas sobre afetividade na visão de Vygotsky (1992, 2003), Piaget (1992, 2003), Wallon (1992, 2003, 2007) entre outros. Na segunda seção analisamos a relação professor-aluno, no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Já na última seção, discutimos algumas estratégias para que a relação de afeto e respeito entre professor e aluno, seja

mútua, adquirindo benefícios como: melhor convívio em sala de aula, melhor rendimento dos alunos e necessariamente, criar possibilidades de desenvolvimento tanto afetivo quanto cognitivo.

2. Conceito de afetividade

Com os estudos realizados, podemos citar a definição que Beraldi (2013, p.19) propõe sobre o termo afetividade. A autora diz que:

Afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto que significa afeição (vinda de afeto). Em latim se pronuncia afecção, *afficere ad actio*, onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga. É representado por um apego a alguém ou a alguma coisa, gerando carinho, saudade (quando distantes), confiança e intimidade, o termo perfeito para amor entre duas pessoas. Designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos (BERALDI 2013, p.19).

Para entendermos os questionamentos feitos através desse tema, é importante lembrarmos que para autores como Vygotsky (1992, 2003), Piaget (1992, 2003) e Wallon (1992, 2003, 2007), não há uma definição específica do que seja a afetividade, e sim estudos que analisam o quanto o afeto, as emoções e o contato social podem influenciar no desenvolvimento do ser humano, e conseqüentemente, na aprendizagem da criança.

Nesse sentido, vale ressaltar que o tema da afetividade é raramente abordado e frequentemente ocultado no cotidiano escolar.

Vygotsky (2003) foi um psicólogo que defendeu a psicologia histórico-cultural, grande pensador de sua época e que abriu caminhos para o conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorria por meio das interações sociais e condições de vida. Para ele, toda criança já nasce em um meio social que é a família, e é através desse laço que a criança começa a estabelecer relações com a linguagem nas interações com os outros.

Vygotsky faz um questionamento das teorias de outros autores sobre a divisão entre a dimensão cognitiva e a afetiva do funcionamento psicológico, porém em suas abordagens ele mostra que afetivo e cognitivo não podem ser separados como dimensões isoladas, ou seja, ele mostra em sua teoria que a afetividade deve ser associada ao cognitivo do ser humano, pois um dá sentido ao outro, fazendo com que haja um desenvolvimento cultural e social (OLIVEIRA; REGO, 2003).

Para Oliveira e Rego (2003, p.18), “Vygotsky é enfático ao afirmar que para uma compreensão completa do desenvolvimento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva”. Nesse sentido, entende-se que o autor ressalta a importância de conhecer e reconhecer o pensamento do ser humano, e sua dimensão afetiva, levando em conta as emoções, as motivações, os desejos, as necessidades e os interesses.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, suas necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influencia inversa do pensamento do plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente (VYGOTSKY apud OLIVEIRA; REGO, 2003, p.18).

Podemos observar que os estudos de Vygotsky estão relacionados a processos mentais que influenciam o comportamento de cada indivíduo, por isso, pode-se dizer que o pensador não faz exposição articulada sobre afetividade, mas destaca as conexões profundas entre as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico humano (OLIVEIRA; REGO, 2003).

Ainda com os estudos e pesquisas de Vygotsky (1992) é possível entender que o ser humano se desenvolve e aprende melhor, por meio da interação com o outro e com seu meio social. Sendo assim, podemos destacar que ao longo do desenvolvimento do ser humano, a capacidade de desenvolver emoções e afetos é muito grande, observando que a partir de suas primeiras horas de vida a criança já consegue demonstrar tais sentimentos que serão prolongados por toda sua existência, mas que poderão ser transformados e mais aprimorados em cada etapa de sua vida. E é a partir desse percurso da vida, que cada indivíduo se afasta de suas origens biológicas e se aproxima de conteúdos históricos culturais.

Em rumos um pouco diferentes de Vygotsky, Jean Piaget (1896-1980) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Seus estudos tiveram um grande impacto sobre os campos da Psicologia e Pedagogia. Piaget (2013) teve algumas de suas abordagens em

torno da psicanálise, uma teoria que estuda a dinâmica psíquica, a forma como o sujeito estrutura suas experiências e seus sentidos, e assim, como se forma a personalidade do indivíduo, e fez também estudos clínicos feitos para explicar como funciona a mente e como o sujeito constrói seu conhecimento. Ele ainda privilegia a maturação genética, acreditando que o desenvolvimento do ser humano, é algo fixo e universal. De acordo com Piaget (2018), o desenvolvimento do ser humano acontece por meio dos seguintes estágios: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 11 anos) e operatório formal (12 anos em diante).

Souza (2003), diz que:

[...] o autor defende a tese da correspondência entre as construções afetivas e cognitivas, ao longo da vida dos indivíduos, e recorre às relações entre afetividade, inteligência e a vida social para explicar a gênese da moral. [...] sobre isso articula sobre os aspectos afetivos e intelectuais da criança ao julgamento da moral, às relações de rebeldia ou obediência e aos sentimentos de ternura e temor (SOUZA, 2003, p.54-55).

Com isso, entende que a afetividade e a cognição devem ser estudadas juntas, para que se tenham explicações melhores sobre o comportamento dos indivíduos no decorrer do processo de desenvolvimento.

Entende-se também que o autor não usa o termo afetividade para explicar somente o carinho, o amor e o respeito, mas engloba além dos sentimentos e emoções, ele amplia para entendermos como a afetividade pode estimular ou perturbar o funcionamento cognitivo.

Podemos dizer que para Jean Piaget, a criança é capaz de construir o seu próprio pensamento, e essa construção se aprimora com as fases dos estágios por ele mesmo proposto, levando em conta que essa criação vai do individual para o social, observando que a criança de hoje não terá os mesmos sentimentos daqui dez anos, por exemplo.

Segundo Tassoni (2000), Wallon foi um estudioso francês com formação em medicina e filosofia (na época não havia curso autônomo de psicologia e a formação do psicólogo vinculava-se ao curso de filosofia), dedicou grande parte de sua vida ao estudo das emoções e da afetividade. A teoria de Henri Wallon (2003, 2007) engloba o desenvolvimento humano, para ser mais exato, o autor trabalha a gênese dos processos psíquicos que fundamentam a pessoa. Suas abordagens são

concentradas nos primeiros anos de vida da criança, que para ele é o período mais fácil para se compreender a questão das emoções, levando em conta que sua presença se torna dominante nesta fase (GALVÃO, 2003).

Dantas (1992) ressalta que para Wallon:

[...] a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto no ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. [...] a considera fundamentalmente social: ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie (DANTAS, 1992, p.85).

Observa-se a importância que Wallon (2003) dá para afetividade, analisando que para ele a construção da dimensão cognitiva necessita da dimensão afetiva e vice versa. Além de ser muito importante principalmente no início da vida, quando as crianças são seres emotivos e que precisam utilizar meios de comunicação para poderem se expressar, época da vida em que a construção da inteligência ainda não é formada.

Dantas caracteriza o comportamento emocional como traços essenciais, e que seus efeitos se não compreendidos, poderá dificultar a compreensão de processos interpessoais, especialmente das interações entre crianças e adultos (DANTAS, 1992).

Por esse motivo deve-se compreender a vida afetiva, levando em conta sentimentos, emoções e paixões na interação com o outro.

Nas análises feitas por Dantas (1992) sobre a teoria de Wallon, nota-se que a criança em sua fase inicial age pela emoção, e dependente da relação concreta do outro. Logo quando é iniciada a construção da inteligência, a criança introduz a linguagem em sua dimensão semântica, ou seja, ela passa a adquirir as palavras e escrita do seu meio cultural que irão se aprimorando em cada fase de seu desenvolvimento, dando espaço ao cognitivo, mas não se esquecendo da afetividade, pois a primeira equivale a nutrir à segunda.

A partir do exposto, nota-se que os autores referenciam a afetividade como parte integrante para o desenvolvimento cognitivo, mesmo que em algumas fases o termo afetividade seja mais amplo do que em outras, ressalta-se também a importância da interação com o outro no processo de desenvolvimento.

3. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem e o papel do professor

Falar sobre o papel da afetividade na vida dos educadores e seus educandos, tem sido uma tarefa necessária. Sabemos que a relação estabelecida entre professor e aluno com base na afetividade pode ser muito importante no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Tassoni (2000) diz que:

Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da *mediação* e da *internalização* como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir (TASSONI, 2000, p. 1).

Entende-se que através das interações sociais o sujeito pode criar aspectos para a construção do conhecimento, contudo, podemos então iniciar validando positivamente a relação afetiva entre professor e aluno e dizer o quanto esse vínculo, utilizado de forma adequada, trará benefícios para o decorrer da vida do educando.

Sabemos que quando a criança nasce o primeiro vínculo de afeto que ela cria é com família, pode-se dizer também que é o primeiro meio que ela se insere e começa o seu desenvolvimento, primeiro a criança é totalmente dependente do outro, depois vai se tornando independente, mas mantendo o processo de interação entre as pessoas, ou seja, em cada fase de desenvolvimento a dimensão afetiva vai se moldando e a interação com o outro continua importante. O professor e toda equipe do ambiente escolar são os responsáveis por manter o vínculo afetivo, que a criança já traz de casa (TASSONI, 2000).

Segundo Moreira (2017, p.4), “o professor é o grande responsável por estimular e manter esse vínculo afetivo; é a figura do professor que fornece segurança ao aluno no ambiente escolar e em seu envolvimento com o processo de ensino-aprendizagem”.

Pacheco (2014) apud Moreira (2017) afirma o seguinte:

Quando a relação professor-aluno é recíproca de bons encontros, cria-se um laço afetivo colaborando para o processo de ensino e aprendizagem. Essa ligação afetiva entre professor e aluno não se limita somente ao carinho físico, mas também na forma que o aluno é tratado. O tom da voz, gestos e palavras são grandes aliados do professor para estabelecer uma boa comunicação afetiva com seus alunos (PACHECO, 2014 apud MOREIRA, 2017, p.4).

Observa-se então que a relação que deve haver entre aluno e professor não é somente carinho físico, deve-se levar em conta que a figura do professor é de extrema importância, uma vez que o aluno passa a enxergá-lo como um espelho e espera estabelecer uma troca de respeito e atenção.

Nas abordagens feitas nota-se que é por meio da interação com o outro que surge o interesse pelo objeto, ou seja, podemos falar que é através desse vínculo afetivo que o professor se torna mediador no processo de ensino-aprendizagem do aluno, proporcionando metodologias capazes de transformar a criança.

Silva (2001), segundo Moreira (2017, p.4) enfatiza a importância do professor para que os alunos sintam-se mais seguros, criando assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre sujeitos.

Nota-se que o professor deve fazer com que sua prática pedagógica seja pautada pela afetividade, facilitando o processo de ensino-aprendizagem da criança, estimulando-a a gostar do ambiente escolar.

Segundo Mahoney e Almeida (2007, p.20), “[...] os sentimentos de respeito, aceitação, valorização de si e do outro devem permear a relação pedagógica”.

Lopes ressalta que:

[...] quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade. Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões (LOPES, s.d., p.7).

É importante perceber que quando se trata do afeto professor-aluno, não quer dizer que o educador deverá ser tolerante a indisciplina e ao desrespeito do educando, mas mostrar para ele por meio de ações, e principalmente do diálogo,

que se importa com suas ideias, com seus sentimentos e que não está ali somente para se comprometer com seu processo de ensino-aprendizagem e mediar a transmissão de conhecimento, mas também o valorizar, apoiar e incentivar.

Consideramos que para educar, devemos respeitar as condições de existência dos alunos, levando em conta que cada criança tem seu tempo de aprendizagem, e a base afetiva pode ser importantíssima para seu desenvolvimento. É uma troca de experiências vividas entre professor e aluno que deve ser marcada por uma interação pedagógica capaz de contribuir para a construção do conhecimento, tornando-os sujeitos críticos e reflexivos.

Segundo Moreira (2017, p.5), para Luck e Carneiro (1983):

Os educadores que são capazes de desenvolver habilidades de comportamento afetivo conseguem ter maior desempenho de seus alunos. Algumas habilidades que os autores citam é que a afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias. É importante destacar essa forma de afetividade, pois às vezes nem percebemos que pequenos gestos e palavras são maneiras de comunicação afetiva (LUCK E CARNEIRO, 1983 apud MOREIRA, 2017, p. 5).

Nesse aspecto, os alunos não entendem a afetividade somente por meio do carinho físico, para eles são importantes detalhes que a nosso ver nem sempre são importantes, mas que fazem a diferença. Podemos citar os elogios, os incentivos, os olhares de apoio, a postura do professor diante dos alunos e também os diálogos, como fonte inestimável de afeto. Moreira (2017, p.7) diz que:

[...] entende-se que o professor conquista seu aluno pelo respeito e afeto que lhe é dedicado. Ensinar não é uma tarefa fácil, por isso, o professor tem que reconhecer seu papel, valorizar seu aluno e, assim, colaborar para um melhor rendimento escolar de seu aluno (MOREIRA, 2017, p.7).

Investir na relação de afeto é observar e estar atento às dificuldades dos alunos, buscando melhorias nas práticas pedagógicas, entendendo o quão importante e incalculável é a presença do professor para que o aluno obtenha sucessos posteriores.

De acordo com os expostos, o professor tem papel fundamental no sucesso escolar e até mesmo pessoal de seus educandos. Ele deve visar aulas comprometidas com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, além de serem aulas com que o afeto seja participante, buscando fazer com que cada aluno possa

sentir prazer ao entrar em uma sala de aula, se sentir a vontade de expor suas ideias e de ser reconhecidos com cada pequena conquista. Além dos alunos serem ouvidos com carinho e atenção, o afeto proporciona estratégias de bom relacionamento, elevando a autoestima e a autoconfiança.

4. Estratégia para o desenvolvimento de uma relação afetiva entre professor e aluno

Para que a afetividade contribuía no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, é considerável que haja todo um contexto social do qual os influencie.

Martinelli (2005), apud (Siqueira, Silva Neto, 2011), fala que a escola deve:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução de seu trabalho (MARTINELLI, 2005, p.116 apud SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011, p.8).

Nos dias atuais, podemos observar que os problemas escolares mais relatados entre os professores são a falta de atenção dos alunos e a tão temida indisciplina.

Com base nos estudos feitos, observa-se que a afetividade tem trazido benefícios para a aprendizagem dos alunos, e é por isso que é tão importante adaptarmos estratégias para que além de conseguirmos mediar o conhecimento dos alunos, possamos também ter um convívio de respeito e carinho dentro da sala de aula.

Segundo Siqueira e Silva Neto (2011):

[...] como professores precisamos refletir sobre a nossa práxis, se queremos tanto a atenção de nosso aluno, bem como o controle de uma turma, temos que conhecer nosso aluno, procurar entender suas particularidades, mostrá-lo que é importante para nós e que desejamos manter um convívio harmonioso (SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011, p.2).

E assim podemos chamar a atenção para a importância de o professor ter um bom relacionamento afetivo com seus alunos. Uma vez que, criando um vínculo entre educador e educando, podem-se observar melhoras até no comportamento. Nota-se que quando o professor passa a conhecer melhor cada aluno, entendendo

suas ideias e valores, suas vivências e realidade, o aluno passa a compartilhar desse afeto.

Cunha (2008, p. 51) diz que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (CUNHA, 2008, p.51 apud SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011, p.3).

Nesse sentido, entende-se que esse caminho pode propiciar grandes melhorias na vida do educando, não só no sentido do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, mas também na vida pessoal, que muitas vezes o aluno traz consigo problemas familiares que podem atrapalhar o seu crescimento.

Para que o professor consiga colocar uma prática pedagógica diferenciada em suas aulas, é importante criar estratégias e estímulos que possam tornar o momento de aprendizagem do aluno em algo agradável e não angustiante, isto é, poder tornar o ambiente da sala de aula em algo que dê prazer, satisfação, e não medo aos alunos (SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011).

Uma das estratégias é o professor estar envolvido com o conteúdo a ser ministrado, ou seja, ele deve estar preparado e gostar do assunto, e com isso trazer metodologias capazes de prender a atenção dos alunos, os fazendo enxergar problemas e soluções, incentivando suas ideias e tornando o conteúdo significativo para os alunos.

Vasconcellos (apud Moreira 2017, p. 5) diz que:

[...] dando destaque sobre a importância do vínculo emocional educador-aluno ainda chama atenção para a relação que o professor deve ter com o conteúdo a ser ministrado: é importante que exista uma vivência prévia do professor, intimidade e significação com a matéria que visa passar, caso o professor não se sinta cognitivamente e emocionalmente conectado aos saberes de forma a senti-los como importantes nas atividades que propõe em sala o aluno também tende a fazer uma leitura subjetiva da relação como um conteúdo o que pode despertar a relação pedagógica para a apatia, a indisciplina e/ou a mecanização (VASCONCELLOS, 2012 apud MOREIRA 2017, p. 5).

Segundo Kupfer (2003, p. 35), na “visão entre dimensão afetiva e dimensão cognitiva, os problemas de aprendizagem seriam a consequência de um desequilíbrio, de uma alteração em umas dessas duas dimensões, ou então na relação entre elas”.

Podemos notar que alguns problemas de aprendizagem podem ser causados pela inexistência de afeto nessa relação professor-aluno ou pelo professor não estar disposto a fazer com que o aluno se prenda aos conteúdos ministrados, isto é, o professor não se sente feliz na sua profissão ou não se sente seguro com o conteúdo e acaba criando uma barreira na dimensão cognitiva e na afetiva, e é por isso que se ressalta a importância de criar estratégias para um bom convívio escolar.

O primeiro ponto a ser tratado é fazer com que os professores entendam como são importantes na vida dos alunos, fazendo com que compreendam a afetividade como um mecanismo para ser utilizado a seu favor, adequando as necessidades dos alunos perante a educação proposta na escola e com um grande comprometimento no processo educativo de seus educandos (LOPES, s.d., p.3).

De acordo com Libâneo, apud Lopes, é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor precisa para alterar sua prática, pois para ele:

[...] a reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76 apud LOPES, p.4).

Siqueira e Silva Neto (2011) cita que Cunha (2008, p.69) relata o seguinte:

Há professores – mesmo com pouquíssimos recursos – que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dinamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico. Pode ser um exagero usar o catálogo como metáfora, mas na verdade, em nossa memória, o que mais conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal (SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011, p. 6 apud CUNHA, 2008, p.69).

Nesse sentido, observamos que pequenos avanços no campo afetivo, como diálogos e incentivos, tornam-se grandes estratégias para o professor, uma vez que, sabendo abordar o aluno e fazê-lo enxergar o quão importante ele é, o professor cria um vínculo que fortemente se manterá com o aluno durante a trajetória estudantil.

Nota-se que o autoritarismo do professor pode provocar medo e deixar o aluno envergonhado, e ao adquirir o afeto como ferramenta em suas práticas

pedagógicas, provocará nos alunos reações de amor e de incentivo, que poderão beneficiar o processo de aprendizagem (MARCHAND, 1985).

Marchand (1985, p.19) em uma de suas falas diz que: “um mestre tem muito mais poder do que um livro”. Observamos que o autor é certo em sua fala, dado que o diálogo estabelecido entre professor e aluno é essencial, podendo ter repercussão na vida do educando e no seu desenvolvimento, motivando a simpatia ou a antipatia. É necessário que o professor não faça diferença entre os alunos, uma vez que cada um tem o seu tempo de aprendizagem, e é impossível querer acelerar esse processo (MARCHAND, 1985).

Moreira (2017) aponta que:

[...] o docente deve levar em consideração à criança como um todo, como ser integral, respeitando seus conhecimentos prévios, assim essa atitude tem seu ponto de partida na atitude do professor e reflete, posteriormente, na ação do aluno (MOREIRA, 2017, p. 6).

Nesse sentido, Moreira (2017, p. 7) afirma que: “ensinar não é uma tarefa fácil, por isso, o professor tem que reconhecer seu papel, valorizar seu aluno e, assim, colaborar para um melhor rendimento escolar de seu aluno”.

O professor deve refletir sobre suas ações, conhecer e valorizar cada aluno, e perceber o quanto suas práticas pedagógicas afetam aqueles que chegam à escola carregando suas vivências e em busca de possibilidades para novos conhecimentos e crescimento.

Saltini, 2008, p.100 (apud Moreira, 2017) afirma que o afeto é o suporte do conhecimento e que:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (SALTINI, 2008, P.100 apud MOREIRA, 2017, p. 7).

Siqueira e Silva Neto (2011) dizem que:

[...] ser educador, é ter comprometimento com o conhecimento que se transmite ao aluno, e tanto o afeto como a leis das regras, caminham juntas para construir os valores e a aprendizagem do aluno, e esse trabalho realizado pelo professor não ocorre de qualquer maneira, precisa de responsabilidade e respeito em sala (SIQUEIRA E SILVA NETO, 2011, p. 8).

De acordo com as considerações pontuadas, analisa-se que o afeto tem trazido estratégias e estímulos que beneficiam a relação entre professores e alunos, apontando que através do contato “com o outro” a criança faz com que sua construção do conhecimento tenha mais significado. É importante o professor entender que toda criança traz consigo uma bagagem de vivências e conhecimentos e que ao entrar na escola tudo parece desconhecido, visto que tudo é novo.

Saltini (2008) diz que:

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, fazem parte da paz que a criança necessita. Observa a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vão assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador (Saltini, 2008, p. 102 apud Siqueira e Silva Neto, 2011, p. 10).

O professor deve ter um olhar atento e entender que o aluno o terá como um exemplo, absorvendo de algum modo tudo que lhe é transmitido. Por isso a importância de atender as necessidades dos alunos e proporcionar momentos em que a aprendizagem passa a ser prazerosa, se faz necessária.

É necessário buscar meios facilitadores da afetividade para o bom relacionamento dentro da sala de aula, como entender a realidade do aluno, se envolver com o conteúdo ministrado, adotar uma nova prática pedagógica visando o vínculo afetivo, valorizar a profissão e cada aluno, ter comprometimento com a aprendizagem do educando, ser paciente, incentivador e estar sempre disposto para o diálogo, uma vez que, com estratégias como essas, professores e alunos passam a conviver de modo que o respeito mútuo esteja presente, mediando o processo de ensino e aprendizagem.

5. Considerações finais

Constata-se nesse sentido que a presente pesquisa permitiu-nos entender a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o estudo feito notou-se o quanto é marcante a relação professor-aluno no desenvolvimento da criança, uma vez que ela poderá levar por toda vida, ensinamentos mediados pelo professor e que poderão ser marcantes para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Observou-se que a relação professor-aluno deve iniciar-se com o educador levando em conta a realidade do aluno, só assim poderá construir sua base afetiva com o educando. Nota-se que ao criar esse vínculo de afeto, o professor estará contribuindo para além de apenas o ensino-aprendizagem, e estará mantendo a bagagem afetiva que os alunos já trazem de casa.

É importante ressaltar o quão relevante é a transformação que o professor pode proporcionar ao aluno através da aprendizagem, e necessariamente, usando afetividade como mediadora de todo esse processo. Destacamos através das análises que não se pode confundir esse vínculo afetivo com ser permissivo, ao contrário do que se pensa, deve-se sim impor limites aos alunos, para que assim eles possam entender que ser afetivo não significa deixar fazer tudo que quer, mas sim compreender que é uma grande ferramenta para se criar um ambiente em sala de aula que seja prazeroso, incentivador e principalmente, de respeito.

Procurou-se entender que uma pedagogia afetiva é a nova práxis que os professores devem adquirir, uma vez que o afeto pode estimular a dimensão afetiva, a dimensão cognitiva e a vida social do aluno.

Partindo desse conceito de que a afetividade é essencial na vida de todos, desde o nascimento até a vida adulta, podemos dizer que há grandes influências nas relações da interação social, dado que na sala de aula, o professor é a figura que proporciona aos alunos, possibilidades de desenvolvimento tanto afetivo quanto cognitivo, através de diálogos e incentivos podemos elevar a autoestima e a autoconfiança.

A partir dos expostos, concluiu-se que a interação social é muito importante para o desenvolvimento humano, dado que, é através dela que a dimensão afetiva ganha espaço, podendo favorecer relações interpessoais, criando possibilidades para a compreensão de conhecimentos, podendo então o professor ser capaz de transformar a vida dos alunos através da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. A dimensão afetiva e o processo de ensino-aprendizagem. In: _____. **Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p.15-23.

BERALDI, Elzita de Moraes. **Importância da Afetividade no Processo de Ensino Aprendizagem dos Anos Finais do Ensino Fundamental**. 2013. 41 folhas. Monografia (Especialização de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. p.14-26.

Disponível em:

<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4445/1/MD_EDUMTE_2014_2_112.pdf> Acesso em: 11 set. 2018.

DANTAS, Heloysa. Parte II Afetividade e Cognição - A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de Et Al. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. 12. ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98.

GALVÃO, Isabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão . In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 35-52.

LA TAILLE, Yves. Parte II Afetividade e Cognição Desenvolvimento do Juízo Moral e Afetividade na Teoria de Jean Piaget. In: _____. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. 12. ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 47-73.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. p. 1-28 Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>> Acesso em: 07 out. 2018.

MARCHAND, M. Capítulo Primeiro – Justificativa desta Pesquisa. In: _____. **A afetividade do educador**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1985. p. 15-22.

MARCHAND, M. Capítulo Segundo – Método para conhecimento direto do “Par educativo”. In: _____. **A afetividade do educador**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1985. p. 23-33.

MOREIRA, Beatriz Buzzo; JÚNIOR, Renato Cezar Silvério. **Importância da afetividade na aprendizagem**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 199-213, 2017. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193303.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 13-34.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Parte II Afetividade e Cognição – O Problema da Afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves Et Al. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. 12. ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

Portal Educação. **Jean Piaget - Biografia**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/jean-piaget-biografia/53974>> Acesso em: 07 dez. 2018.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira; SILVA NETO, Demuniz Diniz da. **A afetividade na aprendizagem dos alunos**. 13 f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura plena em Pedagogia) – Faculdade de Ciências Educação e Teologia do Norte do Brasil. Roraima, 2011. Disponível em: <<http://www.faceten.edu.br/antigo/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>> Acesso em 06 out. 2018.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED. 2000. p. 1-17 Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

TERRA, Márcia Regina. **O Desenvolvimento Humano Na Teoria De Piaget**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>> Acesso em: 11 set. 2018.

Recebido em 14/12/2018

Aprovado em 12/3/2019